

**IMAGENS LITERÁRIAS DO EXISTENCIALISMO EM *HUIS CLOS*, DE JEAN-PAUL SARTRE**

**LITERARY IMAGES OF EXISTENTIALISM IN *HUIS CLOS*, BY JEAN-PAUL SARTRE**

Thamyris Corrêa Araújo

Antônio Wagner Veloso Rocha

DOI: [https://doi.org/10.46551/issn2179-6793RA2023v25n1\\_a14](https://doi.org/10.46551/issn2179-6793RA2023v25n1_a14)

**RESUMO:** Este artigo apresenta uma análise da peça teatral intitulada “Entre quatro paredes” (“*Huis clos*”), escrita por Jean-Paul Sartre em 1944, colocando-a em diálogo com aspectos significativos das suas concepções existencialistas. Assim, explicita ainda as diferentes compreensões sustentadas pelos estudiosos do conjunto da obra sartriana, corroborando com aquela que defende a presença de uma correspondência entre seus textos literários e seus textos filosóficos a partir do entendimento de que ambos cumprem igualmente o papel de expor o seu pensamento sem supostas hierarquias ou subjugações entre eles. Para tanto, sintetiza o enredo que se desenrola ao longo da supracitada peça teatral, apontando nele a presença de conceitos caros à teoria de Sartre. Por fim, se propõe a mostrar como a interpretação da peça em análise pode ir para além daquela já conhecida, em que é tomada como alusão ao aspecto caótico da intersubjetividade humana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sartre; Existencialismo; Filosofia; Literatura.

**ABSTRACT:** This article provides an analysis of the theatrical play titled "No Exit" ("*Huis clos*"), written by Jean-Paul Sartre in 1944, it engages in a dialogue with some significant aspects of their existentialist conceptions. Like this, furthermore elucidates the various interpretations held by scholars regarding the entirety of Sartre's oeuvre, supporting the perspective that posits a correspondence between his literary texts and his philosophical texts from the understanding that both equally serving the purpose of expose his thought without assumed hierarchies or subjugations between them. To achieve this, the article synthesizes the plot unfolding in the aforementioned play, highlighting the presence of concepts central to Sartre's theory. Ultimately, it aims to demonstrate how the interpretation of the analyzed play can extend beyond the commonly known perspective, where it is seen as an allusion to the chaotic aspect of human intersubjectivity.

**KEYWORDS:** Sartre; Existentialism; Philosophy; Literature.

## **Introdução**

Nascido em 1905, Jean-Paul Sartre foi um dos pensadores mais importantes do século XX. Influenciado pela fenomenologia de Edmund Husserl e de Martin Heidegger e pelo contexto histórico do pós-guerra, contribuiu para a consolidação da filosofia existencialista que, por sua vez, tinha como uma das suas principais características a superação das ideias metafísicas e o foco na concretude da vida humana, trazendo para o ser humano a responsabilidade daquilo que escolhe ser. Como resultado do seu posicionamento, Sartre recebeu, além de reconhecimento, resistência e rejeições ao seu trabalho (DENIS, 2002; RIBEIRO JÚNIOR, 2003; SARTRE, 2013).

Compromissado com a escrita, Sartre lançou-se como romancista e, cada vez mais, foi destacando-se também como filósofo, explicitando a importância da sustentação de um engajamento sociopolítico em grande parte dos seus escritos. No seu percurso, além de textos filosóficos, produziu também uma série de escritos literários, entre contos, novelas, romances e peças teatrais. Sobre esse aspecto, ainda hoje há entre aqueles que analisam sua obra completa a partir de duas vertentes: uma que defende o entendimento dos seus escritos literários como exemplificações ou introduções à sua filosofia, posteriormente desenvolvida em textos mais caracteristicamente filosóficos, e uma outra vertente que compreende a sua literatura já como exposição clara e autossuficiente de suas ideias (HILGERT, 2015; HILGERT, 2018).

Para uma breve apresentação de algumas das principais ideias existencialistas presentes na obra de Sartre, este trabalho propõe uma síntese do enredo da peça teatral “Entre quatro paredes”, colocada em diálogo com alguns dos principais conceitos presentes nos textos filosóficos do mesmo autor, corroborando com a compreensão de que, na obra sartriana, literatura e filosofia cumprem, igualmente, a função de promover

e disseminar o pensamento sobre o existir humano (HILGERT, 2015; HILGERT, 2018).

### **Literatura filosófica/filosofia literária**

Dentro do conjunto de textos literários sartrianos encontra-se a peça teatral “*Huis clos*” ou, na tradução para o português, “Entre quatro paredes”, publicada em 1944 e encenada pela primeira vez em Paris, no ano seguinte. Trata-se de um drama, estruturado em cinco cenas de um único ato, com quatro personagens, ambientada claustrofobicamente em uma única sala, por sua vez decorada ao estilo segundo reinado, com poucos elementos cênicos que vão se mostrando valorosos ao longo da narrativa. A estória apresenta uma temporalidade contínua, sem pausa, em que ninguém dorme. Trata-se de um tempo que não se conclui nem mesmo com o fim do texto (HILGERT, 2015; SARTRE, 2009).

Ao longo da sua narrativa, “Entre quatro paredes” apresenta uma espécie de amostragem humana ao incluir em ato, três protagonistas com distintas histórias e personalidades que terão seus destinos cruzados quando perdem a vida terrena, mas começam suas experiências no inferno, onde encontrarão, ainda, o criado, que faz as vezes de administrador do local, numa espécie de releitura do diabo (HILGERT, 2015; SARTRE, 2009).

Na supracitada sala, vê-se o encontro de Garcin, Inês e Estelle, além do criado, e a paulatina descoberta de cada um deles de que ali estão no inferno, após serem condenados por seus atos terrenos. Percebem que, apesar do calor causado pela ausência de janelas, o espaço contraria a tradicional descrição cristã do inferno, onde se espera chamas, grelhas e castigos físicos. O que mais chama atenção ali, na verdade, é a ausência de espelhos e de descanso, pois ali é sempre um dia, demarcado pela lâmpada continuamente acesa. Nota-se, enfim, a exigência perene da convivência com sua própria consciência e com os olhares dos outros (HILGERT, 2015; SARTRE, 2009).

Através dos diálogos, se conhece a história dos personagens principais, até o ponto da confissão de cada um sobre os motivos que os fizeram chegar ao inferno. Nesse percurso, cada um enfrenta tempos diferentes para compreender e aceitar a condição de condenado e o respectivo castigo: viver ininterruptamente na presença uns dos outros, sem a possibilidade de fugir do olhar alheio e, ao mesmo tempo, depender deste para saber-se existente. Passam, portanto, a enxergar a si mesmos pelo olhar uns dos outros que, ao contrário da passividade dos espelhos, que apenas reproduzem uma imagem, julga e condena, tornando- os os verdadeiros carrascos uns dos outros (HILGERT, 2015; SARTRE, 2009).

Assim, no encontro desses personagens mutuamente carrascos, emergem-se conflitos humanos como a covardia, a deserção, o homicídio, o suicídio, o infanticídio, a traição, e a vaidade, embaladas pela provocação causada uns pelos outros, demarcando o grupo como um triângulo anguloso que não permitirá a paz da solidão e nem a comunhão em par, já que sempre haverá a terceira aresta para provocar o desequilíbrio e a perene lembrança de seus crimes (HILGERT, 2015; SARTRE, 2009).

Luiza Hilgert (2015; 2018), pesquisadora da obra de Jean-Paul Sartre se debruça, em alguns dos seus artigos, sobre a divisão anteriormente citada entre aqueles que afirmam que somente a partir dos anos 1960, com a produção de *O ser e o nada: ensaio de uma ontologia fenomenológica* (*L'être et le néant: essai d'ontologie phénoménologique*), ele teria entrado efetivamente no campo da filosofia, direcionando seus escritos a obras teóricas voltados para os campos da história e da política. A autora defenderá, por sua vez, que as produções literárias e de teatro, iniciadas por volta de 1939, já eram expressões efetivas das suas preocupações políticas e já denotavam o posicionamento engajado de Sartre. Dessa forma, Hilgert defende a correspondência entre filosofia e literatura e entre ontologia e história nos escritos sartrianos, destacando a necessidade de compreender-se “as diferentes formas de expressividade em Sartre” (2018, p. 223). Para tanto, apresenta uma fala do próprio Jean-Paul:

“Atualmente, penso que a filosofia é dramática. Não se trata mais de contemplar a imobilidade das substâncias, o que são isso que elas são, nem de encontrar as regras de uma sucessão de fenômenos. Trata-se do homem – que é ao mesmo tempo agente e ator – que produz e encena seu drama, vivendo as contradições da sua situação até a pulverização de si ou até a solução dos seus conflitos” (SARTRE, 1960 apud HILGERT, 2018, p. 223).

Hilgert (2018) esclarece ainda que dentro do primeiro grupo de analistas das obras de Sartre (ou seja, entre aqueles que definem que a relação entre a filosofia e a literatura se encontra no fato dessa última servir-se de uma aplicação exemplificadora, uma metáfora daquilo que posteriormente se produzirá na teoria filosófica) concebe-se que Sartre teria utilizado essas obras como uma maneira de tornar-se uma personalidade popular e, conseqüentemente, popularizar os seus escritos. Entretanto, ao identificar-se com o segundo grupo, a autora apresenta uma série de argumentos que parecem refutar essa explicação para o suposto objetivo de Sartre e defenderá, por sua vez, as produções literárias (romances, contos e teatros) como autossuficientes, descreditando qualquer hierarquia ou subjugação de uma sobre a outra, percebendo, antes, uma “correspondência” (p. 225) entre ambas.

Dentre os argumentos apontados pela autora para a defesa da ideia da literatura como um fim em si mesma, está o fato de que ela carrega em si, ao mesmo tempo, os temas históricos e sociais próprios da sua época e nuances humanas que não se limitam ao campo individual, ideia essa sustentada pelo filósofo na sua obra *Que é a literatura?* [*Qu'est-ce que la littérature?*] (HILGERT, 2018; SARTRE, 1999). Nas palavras de Hilgert (2018), ambas são “(...) formas de expressão necessárias para a realização concreta do projeto sartriano, que é justamente o projeto de pensar a ordem humana” (p. 227).

Luiza Hilgert (2015; 2018) também traz à cena o enredo da peça “Entre quatro paredes” para uma análise em dois dos seus artigos e neles segue sustentando a sua tese de que, ao contrário de outras interpretações, essa não constitui uma espécie de

aplicação para o que Sartre desenvolveu em *O ser e o nada*, mas sim, uma expressão efetiva de ideias filosóficas suficientemente elaboradas ao longo da construção do enredo. Mais uma vez, reforça que o próprio filósofo e escritor Sartre deixou clara essa sua intenção. Vejamos:

“Quando escrevi “Entre quatro paredes”, por exemplo, uma pequena peça em que não se fala de filosofia, *O ser e o nada* já estava, em todo caso, publicado. Minha história de condenado não era uma simbologia, eu não tinha vontade de “redizer” *O ser e o nada*: por que iria querer? Simplesmente, eu inventava histórias com uma imaginação, uma sensibilidade e um pensamento que a concepção e a escrita de *O ser e o nada* tinham unido, integrado, estruturado de uma certa maneira. Se se preferir, meu grande livro filosófico é recheado de pequenas histórias sem filosofia” (SARTRE, 1972 apud HILGERT, 2018, p. 230).

Por fim, Hilgert (2015; 2018) propõe que, para compreender-se com fidedignidade o pensamento de Sartre, é necessário que se mantenha a fidedignidade ao conjunto da sua obra, que se considere a presença indelével dos eventos históricos vividos pelo filósofo e que se considere também a importância da questão da subjetividade desenvolvida por ele diante desse contexto.

### ***O inferno existencialista de Sartre***

“Parece-me que o teatro não deve depender da filosofia que ele exprime. O teatro deve exprimir uma filosofia, mas não de modo que se possa colocar, no interior da peça, o problema do valor da filosofia que o teatro expressa. É preciso que a peça dê uma visão total de um momento ou de uma outra coisa, mas é preciso que ao mesmo tempo em que isto é revelado pela peça se revele de uma maneira inteiramente teatral” (SARTRE, 20005 apud HILGERT, 2018, p. 231).

Partindo da concepção defendida por Hilgert (2015; 2018) e corroborada pelas falas do próprio Sartre transcritas acima, segue-se uma análise dos tópicos existencialistas presentes no enredo de “Entre quatro paredes” que podem ser constatados no conjunto da obra sartriana.

Um conceito que é possível captar ao ler a estória é o da liberdade. Para Sartre (2013), o ser humano é um ser “condenado” (p. 33) à condição de abertura às possibilidades, responsável pelas escolhas feitas na construção do seu projeto existencial e pela convivência com as consequências de tais escolhas. A liberdade, segundo ele, vem acompanhada da sensação de desamparo intrínseca ao ser humano, por se constituir de uma existência sem uma essência dada a priori, lançada num mundo repleto de contingências. Como resultado disso, surge a sensação de desamparo e a necessidade de assunção do próprio projeto existencial. Momento em que vazio pode dar lugar à abertura criativa as suas múltiplas possibilidades.

“(…) se Deus não existe, não encontraremos à nossa disposição valores ou ordens que legitimem nosso comportamento. Assim, nem atrás de nós, nem à nossa frente, ou no domínio numinoso dos valores, dispomos de justificativas ou escusas. Nós estamos sós, sem escusas. É o que exprimirei dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado, pois ele não se criou a si mesmo, e, por outro lado, contudo, é livre, já que uma vez lançado no mundo, é o responsável por tudo que faz.” (SARTRE, 2013, p. 33).

O que se vê ao longo da peça é justamente o grupo de personagens lidando com o resultado das suas escolhas e dos caminhos que eles próprios construíram em suas vidas terrenas. Nesse ínterim, nota-se, inclusive, os momentos em que outros dois temas caros ao existencialismo emergem: a angústia e a má-fé. Segundo a lógica sartriana, a angústia é inerente ao ser humano, já que ela é resultante da própria consciência da autorresponsabilidade humana de escolher-se e, conseqüentemente, escolher também os caminhos da humanidade. A má-fé, surge, então, como movimento de tentativa de recusa dessa responsabilidade ou tentativa de esquivar-se da angústia dela resultante, uma espécie de máscara para a angústia, quando não se está confortável com sua própria consciência (SARTRE, 2013). Esse movimento pode ser notado especialmente

nos momentos em que os protagonistas, notadamente Garcin e Estelle, contornam a facticidade dos seus atos, tentando apresentar outras justificativas, negando ou amenizando suas ações criminosas.

Tomando-se a obra completa de Sartre, percebe-se, inclusive, que a sua concepção de liberdade ultrapassa a descrição da esfera humana individual. Para ele, a liberdade é contorno indelével dos seres humanos também nos campos social, político e histórico, que pode ser expressa pelos indivíduos ou grupo de indivíduos em seus respectivos tempos, através das iniciativas que tomam ou deixam de tomar (HILGERT, 2018; SARTRE, 2013).

Na estória, cada um dos personagens experencia também a concretização daquela que frequentemente contorna a angústia humana: a facticidade da morte. A temporalidade do projeto de existência dos seres humanos aparece em outros pontos da obra sartriana, apresentando a finitude humana como substrato de angústia, demarcador de limites e contingências, assim como expresso em uma das falas da personagem Inês; “A gente sempre morre cedo demais – ou tarde demais. E, no entanto, a vida estará lá, terminada: a linha está traçada, agora é fazer a soma. Você não tem nada além da sua vida” (SARTRE, 2009, p. 122).

As discussões e discordâncias em torno da coerência ou não dos motivos que levaram cada um dos personagens para o inferno faz emergir a concepção de Sartre sobre os conceitos de bem e mal. Para o autor, ambas são instâncias móveis, específicas de cada situação. Não há, para ele, portanto, um bem ou um mal absoluto (RIBEIRO JÚNIOR, 2003).

No que se refere à construção do cenário descrito em “Entre quatro paredes”, nota-se a perspectiva sartriana acerca de um ambiente comumente ligado às tradições culturais e morais do cristianismo e da monarquia. A caracterização do inferno de Sartre parece demarcar a própria queda da predominância desses valores tradicionais à época em que foi escrito e a sua transição para um período em que se deu, por exemplo, o crescimento da própria filosofia existencialista, que coloca o homem como centro das suas reflexões à luz da sua própria consciência, da sua liberdade e do questionamento da presença de uma força divina que determina e controla a todos (HILGERT, 2015; SARTRE, 2013).



Dentre os elementos cênicos, a ausência do objeto espelho, talvez a mais significativa naquele espaço, dá o tom e a abertura para os modos de relacionamento interpessoal que se desdobram naquele ambiente e que podem ser considerados um microcosmo daquilo que também apareceu na obra de Sartre em suas discussões acerca da intersubjetividade, à que ele conceitua:

“ (...) nós estamos nos apreendendo a nós mesmos diante do outro, e o outro é algo tão certo para nós quanto o somos nós mesmos. Assim, aquele que se apreende de maneira imediata pelo *cogito*, descobre também todos os outros, e os descobre como a condição de sua própria existência. Ele se apercebe que não pode ser nada (no sentido em que dizemos que somos espirituais, ou maus, ou ciumentos), a menos que os outros o reconheçam como tal. Para obter qualquer verdade sobre mim, é necessário que eu passe pelo outro. O outro é indispensável para a minha existência, tanto quanto, ademais, o é para o meu autoconhecimento. Nestas condições, a descoberta de meu íntimo revela-me, ao mesmo tempo, o outro como uma liberdade colocada diante de mim, que sempre pensa e quer a favor ou contra mim. Assim, descobrimos imediatamente um mundo que chamaremos de intersubjetividade, um mundo em que o homem decide o que ele é e o que os outros são” (SARTRE, 2013, p. 47-48).

Uma vez naquele inferno, os personagens vão deixando de existir até como lembranças nas suas vidas terrenas, o que os restringem àquele espaço, tornando-os veementemente dependentes do olhar um do outro para saberem-se existentes e para confirmar (ou não) seu modo de ser. Se outrora os espelhos amenizavam o descontrole da visão alheia sobre si, sua ausência torna os outros os únicos recursos de espelhamento, num movimento contínuo entre consciências que se encaram e uma delas torna-se objeto de análise, colocando em jogo o risco de aquele que vê reduzir e alienar as possibilidades daquele que é visto. “No olhar do outro, que me vê como coisa, minha liberdade é limitada à percepção que ele contorna e significa conforme seu projeto livre” (HILGERT, 2015, p. 320).

Vê-se aqui, então, a emersão da “consciência de ser visto” (HILGERT, 2015, p. 321) e, junto dela, a ameaça, a exposição da fragilidade física e moral que o outro pode representar, pois o olhar pode capturar atos, mas não alcançam a totalidade do ser.

Para o próprio Sartre: “É a vergonha ou o orgulho que me revelam o olhar do outro e eu mesmo no fundo desse olhar, são eles que me fazem viver, não conhecer, a situação de observado” (SARTRE, s. d. apud HILGERT, 2015, p. 321). Tal risco de objetificação mostra-se em “Entre quatro paredes” na sua potência reducionista: julgados por determinados atos criminosos, os personagens são, naquele espaço, sua ação criminosa. Garcin em determinado momento chega a questionar: “ (...) será que se pode julgar uma vida inteira por um único ato?” (SARTRE, 2009, p. 121).

Ainda no campo das intersubjetividades, é possível verificar, nas interações interpessoais desenvolvidas ao longo da estória, elementos dos modos de intersubjetividade descritos por Sartre. A confissão da necessidade do sofrimento alheio e a impiedade expressa com o personagem Garcin por parte de Inês, por exemplo, pode ser configurada como a expressão do sadismo, numa tentativa de captura da liberdade daquele, exigindo-lhe a vivência da angústia. Em contrapartida, a própria Inês se coloca também numa posição masoquista em relação à Estelle, a quem tenta, diversas vezes, se submeter em troca de amor e atenção. Outra via possível de relação com o outro, também descrita por Sartre, observável em “Entre quatro paredes”, é a do ódio. Pode-se dizer que essa recebeu a contribuição dos três personagens quando estes se veem frustrados em suas tentativas de amor e sedução uns para com os outros, restando-lhes a tentativa de negação do outro, característica do ódio (HILGERT, 2015).

Com o avançar da estória de “Entre quatro paredes”, o que se vê, então, é a síntese do vislumbre da realidade da situação humana segundo o existencialismo: os personagens já compreenderam e assumiram que tiveram atos criminosos identificados, julgados e condenados à pena do castigo infernal. A evidente ausência do castigo físico já os levava ao entendimento de cumprirem, eles mesmos, o papel de causadores do inferno alheio. Nesse ponto, Garcin verbaliza a máxima da obra: “o inferno são os Outros” (SARTRE, 2009, p. 125) que costuma ser interpretada, comumente, como a demarcação da convivência necessariamente conflitiva com o outro, própria da condição humana.

Porém, conforme defendido por Hilgert (2015), ao generalizar essa

interpretação, corre-se o risco de torná-la um reducionismo da experiência intersubjetiva. Para Sartre, de fato, “o conflito é o sentido originário do ser-para-outro” (p. 328), uma vez que o fechamento de uma unidade de percepção sobre o outro pode acarretar a anulação da liberdade desse que é visto, mas, ao mesmo tempo, apesar de arriscado, esse encontro de olhares humanos é necessário, dado que dele é que se alcança o legítimo si-mesmo. O embate é, então, frequente e fundamental. Não à toa, a última fala da peça trata-se de um “pois bem, continuemos...” (SARTRE, 2009, p. 127). Entretanto, nas palavras de Sartre:

“Os outros são, no fundo, o que há de mais importante em nós mesmos para nosso próprio conhecimento. Quando pensamos sobre nós, quando tentamos nos conhecer, na verdade usamos o conhecimento que os outros já tem sobre nós. Julgamo-nos com os meios que os outros deram para tal. Naquilo que digo sobre mim, está sempre incluído o julgamento do outro” (SARTRE, 1973 apud HILGERT, 2015, p. 331).

Nesse sentido, infere-se que o fracasso nas tentativas de encontro no estabelecimento das relações intersubjetivas está muito bem representado no enredo de “Entre quatro paredes”, de modo que a máxima proferida por Garcin é, até hoje, uma das frases mais célebres de Sartre, citada até por quem nunca teve contato com os seus escritos. Mas, além disso, Hilgert (2015) pontuará que a obra também possui a manifestação dos temas do apelo, da ajuda e da solidariedade desenvolvidos por Sartre, e levanta a hipótese de que a conclusão da estória entre os personagens só se manteve sob a égide do conflito porque Inês e Estelle não aderiram ao pedido de Garcin para se unirem, buscando uma possível ajuda conjunta: “(...) Nenhum de nós pode se salvar sozinho; ou nos perdemos de uma vez juntos, ou nos salvamos juntos” (Sartre, 2009, p. 90).

Considerando mais uma vez o ideal defendido e sustentado por Sartre ao longo da sua vida como pensador e como ativista dos movimentos políticos da sua época, na condição de destacado socialista, é possível corroborar com a hipótese da supracitada autora, o que permite extrapolar a compreensão de “Entre quatro paredes” como uma

mera apologia ao aspecto caótico das relações humanas, atendo-se ao fato de se tratar de mais um indicativo do engajamento sociopolítico de Jean-Paul Sartre, tantas vezes apontado nos seus escritos literários e filosóficos (DENIS, 2002; HILGERT, 2015).

### **Considerações finais**

Pelo exposto, conclui-se que os escritos de Sartre se mantêm como valorosas contribuições deixadas para o estudo e análise da existência humana. Verificada a robustez dos argumentos de quem se debruça sobre a sua obra, foi possível confirmar a correspondência entre os textos de caráter mais literário e aqueles mais evidentemente filosóficos, tornando possível o exame do seu pensamento existencialista e engajado de forma equivalente em ambos.

Com a análise da estória presente na peça teatral “Entre quatro paredes”, pôde-se mais uma vez confirmar a tese acima, demonstrando nos diálogos dos personagens e nos detalhes presentes dos elementos cênicos a emersão de conceitos existencialistas característicos do pensamento sartriano, tais como liberdade, consciência, angústia, finitude e intersubjetividade.

Compreende-se, portanto, que ao realizar o exercício de análise de um de seus textos literários, foi possível alcançar o vislumbre da inseparabilidade proposta por Sartre entre as vivências individuais, específicas de cada pessoa, e aquelas compartilhadas por todo ser humano, colocando-o como ator e responsável por si e pelo que o circunda no seu tempo histórico.

## Referências

DENIS, Benoît. *Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre*. Trad. Luiz Dagobert de Aguirra Roncari. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

HILGERT, Luiza Helena. *Olhares e espelhos: O ser e o nada e Entre quatro paredes*. *Sofia*, v. 4, n. 2, 2015.

HILGERT, Luiza Helena. *Questões de método: filosofia e literatura em Sartre*. *Analytica- Revista de Filosofia*, v. 22, n. 1, p. 221-246, 2018.

RIBEIRO JÚNIOR, João. *Introdução ao existencialismo*. São Paulo: Edicamp, 2003.

SARTRE, Jean-Paul. *Entre quatro paredes*. Trad. Alcione Araújo e Pedro Hussak. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Trad. João Batista Kreuch. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?*. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ed. Ática, 1999.

**THAMYRIS CORRÊA ARAÚJO** é especialista em Psicologia Clínica com ênfase em Psicanálise Existencial pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); graduada em Psicologia pelas Faculdades Integradas Pitágoras. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6559-4474>. E-mail: [tca.psicologa@gmail.com](mailto:tca.psicologa@gmail.com)

**ANTÔNIO WAGNER VELOSO ROCHA** é doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3020-9043> E-mail: [rochaantoniowagner@gmail.com](mailto:rochaantoniowagner@gmail.com)